



Revista Investigações, Recife, v. 39, n. especial – A literatura africana em língua espanhola, e266598, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2175-294X.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/index>

<https://doi.org/10.51359/2175-294x.2026.266598>

Ekomo, de María Nsue Angüe: uma releitura crítica por Droh Joël Arnauld Keffa

Fernanda Correa Silveira Galli (UFPE)
Editora Responsável

Ricardo Postal (UFPE)
Editor de Seção – Estudos Literários

Rogério Mendes Coelho (UFRN/UFPE)
Editor Convidado

Benita Sampedro Viscaya (Hofstra University)
Editora Convidada

M'Bare N'Gom Faye (Morgan State University)
Editor Convidado

Recebido em 23/05/2025.
Aprovado em 19/03/2026.

Como citar:
VELOSO, Rodrigo Felipe. *Ekomo*, de Maria Nsue Angüe: uma releitura crítica por Droh Joël Arnauld Keffa. *Revista Investigações*, Recife, v. 39, n. especial - A literatura africana em língua espanhola, e266598, 2026. DOI: <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2026.266598>

Rodrigo Felipe Veloso * 

Resumo: Este artigo propõe uma releitura crítica do romance *Ekomo* (1985), de María Nsue Angüe, sob a perspectiva da reconstrução identitária e da valorização das epistemologias africanas frente às heranças coloniais. Ao retomar a obra fundacional da literatura guineo-equatoriana escrita por uma mulher, Droh Joël Arnauld Keffa analisa como *Ekomo* transcende os limites do relato ficcional para afirmar uma voz ancestral enraizada na cultura *fang*. A abordagem destaca o papel da oralidade, dos símbolos sagrados, dos provérbios e dos espaços rituais como dispositivos literários que restituem à narrativa africana seu caráter de resistência e agência cultural.

Palavras-chave: Literatura africana. María Nsue Angüe. Cultura fang. Tradição e modernidade. Resistência pós-colonial.

* Universidade Estadual de Montes Claros. Professor no Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes. Doutor em Letras Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) pela e Pós-Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: rodrigof.veloso@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

O estudo de Droh Joël Arnauld Keffa (2019) sobre *Ekomo* (2007), romance de María Nsue Angüe, oferece uma contribuição relevante à crítica pós-colonial hispano-africana ao abordar o impacto da colonização espanhola na Guiné Equatorial e suas consequências sobre a construção de identidade e a valorização da cultura negroafricana. A proposta central do artigo de Keffa consiste em demonstrar como a autora, por meio de uma narrativa enraizada em sua cosmocepção tradicional, promove uma revalorização simbólica dos elementos culturais autóctones frente à hegemonia eurocêntrica imposta durante o colonialismo.

A partir de um olhar crítico sobre o expansionismo espanhol, o autor sublinha que o processo de colonização não apenas explorou os recursos materiais da Guiné Equatorial, mas desestabilizou profundamente suas estruturas simbólicas, culturais e identitárias. A língua espanhola, adotada oficialmente no país, tornou-se ao mesmo tempo instrumento de opressão e meio de resistência, já que escritores como María Nsue optaram por escrever em castelhano para denunciar o apagamento e promover o resgate de saberes ancestrais.

Ao eleger *Ekomo* como *corpus*, Droh Keffa interpreta a narrativa como um espaço simbólico onde se entrelaçam a denúncia do patriarcalismo herdado e a busca pela autonomia das subjetividades africanas, especialmente das mulheres. A protagonista, que transita entre mundos, o da tradição *fang* e o da sociedade colonizada, representa um sujeito fragmentado e em constante negociação identitária. A obra, portanto, articula uma crítica aos sistemas coloniais e patriarcais de dominação, ao mesmo tempo que valoriza elementos como a oralidade, os rituais e a espiritualidade afrodescendente.

Um dos méritos do artigo de Keffa é evidenciar a importância da literatura afro-hispânica como campo de reconstrução simbólica das

identidades oprimidas. Ao mesmo tempo, aponta para a urgência de se estudar a Guiné Equatorial dentro dos circuitos literários de língua espanhola, frequentemente alijada dos cânones por preconceito linguístico, racial e geopolítico.

Do ponto de vista teórico, Keffa dialoga com os postulados da crítica pós-colonial, especialmente no que diz respeito à recuperação de vozes subalternizadas. O estudo também sugere uma leitura antropológica da literatura, na medida em que observa os modos como os mitos, símbolos e tradições locais são transpostos para o discurso ficcional como formas de resistência cultural.

Assim, esta releitura nos permite afirmar que *Ekomo* se inscreve como um exemplo emblemático de narrativa de reexistência, isto é, de uma literatura que não apenas denuncia o trauma colonial, mas propõe formas de reconstrução cultural a partir de saberes originários. A análise de Droh Keffa, nesse sentido, reforça a necessidade de descolonizar o olhar sobre a literatura africana de língua espanhola e reconhecer seu papel na crítica dos legados coloniais e na afirmação de uma identidade cultural negra, plural e autônoma.

LITERATURA, ORALIDADE E IDENTIDADE NEGRO-AFRICANA EM *EKOMO*, DE MARÍA NSUE ANGÜE

Este artigo propõe uma releitura crítica do romance *Ekomo* (1985), de María Nsue Angüe, sob a perspectiva da reconstrução identitária e da valorização das epistemologias africanas diante das heranças coloniais. A partir do estudo de Droh Joël Arnauld Keffa, intitulado “*María Nsue Angüe y la narrativa poscolonial. Aporte simbólico de los valores culturales negroafricanos: caso de su novela Ekomo*” (cuja tradução é “*María Nsue Angüe e a narrativa pós-colonial:*

contribuição simbólica dos valores culturais negro-africanos — o caso do romance Ekomo”), o artigo busca evidenciar como a autora transcende os limites do relato ficcional ao afirmar uma voz ancestral enraizada na cultura fang. A análise enfatiza o papel da oralidade, dos símbolos sagrados, dos provérbios e dos espaços rituais como dispositivos literários que restauram à narrativa africana seu caráter de resistência, memória e agência cultural, propondo uma leitura que articula literatura, identidade e descolonização do saber.

O texto se estrutura de maneira clara, introduzindo o leitor ao contexto histórico, político e linguístico da Guiné Equatorial para, em seguida, focalizar o romance como objeto de análise. Trata-se de uma abordagem consistente, que articula a crítica pós-colonial a uma sensibilidade da etno-literatura, reconhecendo tanto os efeitos duradouros da colonização espanhola quanto os mecanismos de resistência e resiliência cultural inscritos na produção local. Nesse sentido, é possível estabelecer um paralelo com as reflexões de Jesús “Chucho” García e Rogério Mendes Coelho sobre a pedagogia da cimarronaje, entendida como prática de insurgência epistemológica e de reconstrução do saber a partir das margens. Assim como nas experiências afro-diaspóricas das Américas, também em África existiram articulações semelhantes voltadas à preservação e continuidade de suas epistemes ancestrais, que operaram como formas de enfrentamento ao poder colonial e como estratégias de afirmação identitária e intelectual dos povos subjugados.

A introdução do texto é produtiva ao situar o leitor dentro de um problema maior: o da marginalização das literaturas africanas de língua espanhola no sistema literário global. Nessa perspectiva, Guiné Equatorial é um exemplo singular no continente africano; o texto progride ao destacar a especificidade do país como única nação africana hispanófono, mas poderia aprofundar a discussão sobre como essa singularidade contribui para o apagamento literário, sobretudo nos cânones hispânicos e nos espaços de difusão editorial.

A menção à “busca por identidade” como tema fundamental do processo de autodeterminação pós-colonial revela o alinhamento do texto

com os paradigmas pós-estruturalistas e decoloniais. Ainda que o texto afirme não ignorar os traços da presença civilizatória europeia, a sua ênfase recai corretamente sobre a agência africana, isto é, sobre a capacidade dos sujeitos guineenses de resistirem e reconfigurarem sua cultura diante da dominação. Nesse ponto, a citação a Mbare Ngom (1993) é relevante e reforça a legitimidade do estudo, ao evidenciar a invisibilidade da literatura guinéu-equatoriana, mesmo dentro da própria África, algo que denuncia um duplo apagamento: colonial e pós-colonial.

Ao caracterizar *Ekomo* como obra paradigmática da narrativa guinéu-equatoriana, o texto sugere com propriedade que a literatura de María Nsue Angüe não apenas representa uma ficção engajada, mas também um espaço de reativação da memória ancestral. A escolha de analisar o romance a partir da confluência entre tradição oral e textualidade indica um esforço em compreender a obra para além da sua dimensão formal, ressaltando sua função sociocultural. O recurso à oralidade, neste contexto, aparece como um gesto de resistência contra a imposição do *logos* ocidental, valorizando outras formas de conhecimento e transmissão histórica.

Contudo, a análise poderia ser fortalecida com uma maior exploração da dimensão estética e simbólica da linguagem de Angüe. Termos como “configuração simbólica da tradição africana” (Keffa, 2019) e “potência simbólica da literatura” (Keffa, 2019) são utilizados, mas sem o devido desdobramento conceitual. Haveria espaço para articular tais ideias com pensadores como Paul Ricoeur (2007) sobre memória e narrativa; Ngũgĩ wa Thiong’o (1994) sobre descolonização da mente e da linguagem ou Achille Mbembe (2001) sobre necropolítica e colonialidade, aprofundando a análise crítica dos efeitos literários e políticos do texto.

Do ponto de vista metodológico, o texto adota uma abordagem interpretativa válida, embora sem explicitar claramente os marcos teóricos que fundamentam sua leitura. A dualidade proposta, ou seja, a “produto textual” e “expressão de oralidade”, é promissora, mas requereria maior rigor conceitual para não resvalar em generalizações. A figura de Nnanga como “veículo da memória coletiva” (Keffa, 2019) é bem apontada, mas carece de

uma análise mais densa de sua trajetória enquanto sujeito narrativo e símbolo feminino de resistência.

Nesse sentido, o texto consubstancia ao relacionar a literatura de María Nsue Angüe com a noção de reexistência, conceito oriundo dos estudos decoloniais e que desloca a lógica reativa da resistência para uma afirmação ontológica e política de outras formas de vida. Essa chave interpretativa confere à análise um tom contemporâneo, alinhado aos debates atuais sobre o poder simbólico da literatura de matriz africana na disputa por espaços de enunciação e pertencimento.

Afirmar a identidade negro-africana apresenta-se como uma contribuição relevante para a crítica literária pós-colonial, ao propor uma leitura engajada de *Ekomo*, de Angüe. Seu mérito principal reside na valorização da literatura guinéu-equatoriana como *locus* de memória, resistência e reconstrução identitária. Com isso, a análise ganharia em densidade crítica ao explicitar os referenciais teóricos que fundamentam suas interpretações e ao aprofundar a discussão simbólica e estética do texto literário. Ainda assim, o artigo cumpre seu papel de inserção e valorização de uma literatura periférica, oferecendo ao leitor caminhos significativos para compreender a complexidade cultural da Guiné Equatorial e a força política da escrita afrodescendente.

O RITUAL SIMBÓLICO E CULTURAL EM *EKOMO*: UM ESTUDO DA PRODUÇÃO DE SENTIDO E CULTURA

Keffa em seu texto “María Nsue Angüe e a narrativa pós-colonial” propõe uma leitura substancial e multifacetada do romance *Ekomo*, de María Nsue Angüe, ancorando sua análise em duas frentes principais: a ritualização

simbólica da narrativa e o papel da cultura *fang* na constituição de sentido. De maneira geral, a abordagem revela profundidade interpretativa e sensibilidade crítica, articulando questões de identidade, oralidade e tradição com a complexidade simbólica da literatura africana de língua espanhola.

Desde o início, a análise demonstra domínio contextual ao destacar o pertencimento étnico da autora à cultura *fang*, bem como o impacto de sua migração precoce para a Espanha. Essa informação é tratada com rigor e relevância, pois fundamenta o argumento de que a escrita de Angüe é atravessada por uma identidade híbrida, simultaneamente africana e europeia, tradicional e moderna. Essa dualidade, longe de ser uma contradição, aparece como potência crítica e estética na obra, situando-se nas margens do cânone e tensionando suas estruturas.

¹ “...va a morir en África. Su muerte será violenta, será injusta. Su muerte es ineludible y, en protesta de ello, los cielos nos avisan. Es un hombre para la historia, un hombre que recordaréis por los siglos de los siglos. Esta señal que aparece hoy en el cielo se aparecía a los antiguos cuando África era África” (Angüe, 2007, p. 22).

...ele morrerá na África. Sua morte será violenta, será injusta. Sua morte é inevitável, e em protesto contra ela, os céus nos advertem. Ele é um homem para os livros de história, um homem que vocês lembrarão por séculos. Este sinal que aparece no céu hoje apareceu aos antigos, quando a África era verdadeiramente África (Angüe, 2007, p. 22, tradução nossa)¹.

Esse excerto refere-se a uma profecia sobre a morte de um homem africano, com tom simbólico e ritualístico, evocando a ancestralidade (“cuando África era África”) e uma dimensão sagrada do tempo. Esse retrato provém de um discurso de matriz africana ou afro-diaspórica, a morte do personagem é anunciada pelos céus, em diálogo com os mitos e tradições *fang*:

² “África sólo se adoraba a los dioses africanos. Es extraño, muy extraño, que aparezca hoy entre nosotros, porque hace siglos que no se veía el anuncio de una muerte tan violenta. Entonces Nfumbá’a, aquel que hacía poco había regresado de Europa, acercándose al anciano, le preguntó: —¿Significa, padre, que alguien de nosotros va a morir? Flota la pregunta en el ambiente. Brilla la pregunta en la mirada de los presentes. El interrogante está en los labios de Oshá, que se humedecen inquietos.” (Angüe, 2007, p. 22).

Na África, apenas deuses africanos eram adorados. É estranho, muito estranho, que algo assim apareça entre nós hoje, pois faz séculos que não se via o anúncio de uma morte tão violenta. Então Nfumbá’a, aquele que havia retornado recentemente da Europa, aproximou-se do ancião e perguntou: “Isso significa, Pai, que um de nós vai morrer?” A pergunta paira no ar. A pergunta brilha nos olhos dos presentes. A pergunta está nos lábios de Oshá, que se umedecem de inquietação (Angüe, 2007, p. 22, tradução nossa)².

No fragmento, percebe-se que o ancião anuncia a morte de “um poderoso de África”. Diante disso, Angüe constrói uma cena profundamente simbólica e ritual, que sintetiza as tensões centrais do romance, a ruptura

entre tradição e modernidade, a perda da identidade ancestral e o trauma histórico do colonialismo. A fala do ancião não é apenas uma profecia individual, mas um enunciado coletivo: sua voz ancestral retoma o papel do griot, aquele que preserva e interpreta a memória dos povos africanos. Quando ele afirma que “em África já não há poderosos”, a autora propõe uma leitura crítica do presente pós-colonial, denunciando a desintegração das estruturas simbólicas e espirituais que sustentavam o poder tradicional e a coesão comunitária.

A morte anunciada é, portanto, uma metáfora da morte espiritual de África, uma África que “abandonou os africanos e foi abandonada por eles”. Esse duplo movimento de perda, que remete a uma “dupla alienação” representa o apagamento identitário provocado pela colonização europeia e pela adoção acrítica de valores ocidentais. A “violência e injustiça” da morte evocam não apenas o destino do personagem Ekomo, mas também a história coletiva de um continente marcado pela escravidão, pela exploração e pela imposição cultural.

O diálogo entre o ancião e Nfumbá’a, aquele que “havia regressado da Europa”, intensifica o contraste entre o saber tradicional e o olhar colonizado. Nfumbá’a carrega em si o dilema do sujeito pós-colonial descrito por Mbembe (2001): a consciência dividida entre dois mundos, incapaz de se reconciliar com o tempo e o espaço de origem. Ao questionar o ancião, ele revela o distanciamento dos novos africanos em relação à sua própria cosmopercepção. Já o velho sábio reafirma a visão cíclica do tempo e da morte, típica das culturas bantas, na qual o falecimento não significa ruptura, mas retorno à linhagem espiritual dos antepassados.

Assim, o excerto encena um ritual de passagem simbólico, o prenúncio da morte torna-se um momento de revelação sobre a condição africana contemporânea. A imagem do “céu que domina a extensão da terra” recupera o elo entre o mundo visível e o invisível, entre a natureza e o espírito, rompido pela racionalidade colonial. Angûe propõe, com essa linguagem mítica e poética, uma recuperação da memória ancestral como forma de resistência.

Em última instância, a passagem articula três níveis de leitura: o individual (a morte de Ekomo como destino trágico), o coletivo (a decadência de África enquanto entidade espiritual) e o metafórico (a denúncia da desumanização e da alienação cultural pós-colonial). A morte anunciada, portanto, não é apenas presságio, é diagnóstico: o continente precisa reencontrar sua palavra, sua força e seus mortos, pois, como ensina Amadou Hampâté Bâ, “em África, o homem é a palavra”.

Nesse contexto, observa-se a presença de presságios, sinais no céu, rezas, e a percepção coletiva da morte próxima, que conferem à narrativa um tom ritualístico e cósmico. A morte não é apenas um evento biológico, mas um acontecimento simbólico que envolve a comunidade, a natureza e o plano espiritual. A sabedoria ancestral expressa pelo ancião (“en África ya no hay poderosos”) evidencia a crise de identidade e de poder do continente, ecoando o lamento pós-colonial. Por sua vez, a mãe, que reza no “oscuro rincón de la cocina”, simboliza a persistência da fé sincrética e da ligação com o sagrado. Já Ekomo, enfeitado por uma mulher “de mala vida”, encarna o conflito entre tradição e modernidade, pureza e profanação, vida e morte, temas que estruturam a narrativa e refletem a tensão entre o destino individual e o destino coletivo africano.

Um dos interesses centrais do texto de Keffa é a valorização da linguagem simbólica e ritualística de *Ekomo*, principalmente ao explorar o campo semântico do título da obra. A associação do termo “Ekomo” com o verbo “Akomo”, cujo significado implica ações de cura, restabelecimento e reconciliação, abre uma interpretação rica sobre o enraizamento cultural do texto. Essa leitura contribui significativamente para a compreensão da obra como não apenas uma narrativa ficcional, mas como um dispositivo simbólico de recomposição comunitária e espiritual, operando no âmbito da simbologia ancestral *fang*.

O texto também progride ao mobilizar o pensamento de Kabengele Munangba (1996), o que amplia a análise para além da obra em si, conectando-a a debates antropológicos sobre a origem dos valores tradicionais africanos e o impacto do colonialismo. A articulação com a

dedicatória feita por Angüe à mulher analfabeta acrescenta uma dimensão política importante à análise: ao evocar a ausência da palavra escrita como forma de exclusão social, a autora simultaneamente convoca a oralidade como resistência e reapropriação do poder narrativo. Nesse ponto, a leitura proposta se aproxima de concepções pós-coloniais de pensadores como Ngũgĩ wa Thiong'o (1994), que denunciam o papel da língua do colonizador como forma de apagamento cultural e defendem o retorno à tradição oral como forma de reinscrição de subjetividades.

Outro aspecto relevante é a forma como o texto de Keffa reconhece *Ekomo* como uma obra inaugural, quer dizer, o primeiro romance escrito por uma mulher na Guiné Equatorial, e como esse gesto fundacional também está imbuído de crítica social e de denúncia da condição feminina africana. A citação de José Antonio López Hidalgo (1993) fortalece esse ponto, enfatizando o entrelaçamento entre opressão patriarcal e exclusão epistemológica. Ao trazer essas camadas de sentido, a análise reconhece que a narrativa em apreço transcende sua dimensão narrativa para se tornar também um documento de denúncia e um projeto de reumanização da mulher africana.

O ritual simbólico e cultural em *Ekomo* analisado pelo texto “Maria Nsue Angüe e a narrativa pós-colonial”, de Keffa revela um estudo substancial de produção de sentido, um trabalho analítico de alta qualidade interpretativa, que leva em consideração o contexto histórico-cultural da autora e à simbologia profunda da narrativa. Ao valorizar a oralidade, o ritual e a ancestralidade como elementos estruturantes da obra, o texto oferece uma contribuição crítica relevante para os estudos de literatura africana em língua espanhola.

O destaque do romance *Ekomo* está na leitura simbólica e na articulação entre estética e política, destacando a narrativa como espaço de reexistência cultural e resgate de memórias silenciadas. Embora pudesse aprofundar a análise estilística e expandir o aparato teórico sobre ritualidade e cosmo percepções afro-diaspóricas, o texto se sustenta como uma crítica

engajada e sensível, que honra a complexidade e a potência do romance de Angüe.

Vale reiterar que o texto analítico sobre *Ekomo* apresenta-se como uma rica investigação da cultura tradicional guinéu-equatoriana e da cosmo percepção *fang*, com destaque especial para os rituais de passagem e a simbologia da dança sagrada. A leitura articula bem aspectos históricos, antropológicos e literários, oferecendo uma interpretação que valoriza a obra não apenas como arte, mas como documento cultural e político.

Desde o início, a análise de Keffa reconhece com clareza o impulso intercultural da autora, revelando que *Ekomo* surge do desejo de representar uma África complexa, viva e enraizada em valores ancestrais. Ao destacar que Angüe se afirma como “cidadã intercultural” (Angüe, 2007), o texto aponta para uma postura crítica diante das narrativas coloniais e eurocêntricas, valorizando a reafirmação da subjetividade africana. Essa observação é pertinente e alinha-se com os estudos pós-coloniais, particularmente com autores como Achille Mbembe (2001) e Ngũgĩ wa Thiong’o (1994), que denunciam os efeitos da colonização sobre os sistemas de saber e defendem a valorização das epistemologias tradicionais.

Nas palavras de Mbembe:

[...] ao focar a discussão no que chamei de pós-colônia, o objetivo não era denunciar o poder em si, mas sim reabilitar as duas noções de época e duração. Por época, entende-se não uma simples categoria de tempo, mas sim um conjunto de relações e uma configuração de eventos — muitas vezes visíveis e perceptíveis, às vezes difusos, multifacetados, mas aos quais os contemporâneos podiam testemunhar, por estarem plenamente conscientes deles. Como época, a pós-colônia engloba múltiplas durações, compostas por descontinuidades, reversões, inércias e oscilações que se sobrepõem e se entrelaçam: um emaranhado (Mbembe, 1957, p. 14, tradução nossa).

Nesse aspecto, Mbembe, ao propor o conceito de pós-colônia, não busca apenas denunciar o exercício do poder, mas refletir sobre a historicidade e a complexidade das temporalidades que constituem o presente africano e, por extensão, o mundo contemporâneo. Para Mbembe, a noção de “época” ultrapassa a simples cronologia linear, configurando-se

como um campo de relações e de acontecimentos múltiplos, visíveis ou sutis, que são vividos e compreendidos pelos sujeitos em sua experiência histórica. A pós-colônia, assim, deve ser entendida como uma constelação de durações sobrepostas e contraditórias, marcadas por descontinuidades, inércias, reversões e oscilações, revelando um tempo emaranhado em que o passado colonial e o presente se interpenetram. Essa concepção amplia o entendimento das dinâmicas sociais e políticas pós-coloniais, evidenciando que as estruturas de dominação e resistência coexistem em constante movimento e reconfiguração.

Nessa perspectiva, a linguagem surge como elemento identitário de uma comunidade e em *Ekomo* a oralidade é percebida como eixo estruturante da cultura *fang*. A ideia de que “a oralidade se configura como um dispositivo de conservação da memória coletiva” é desenvolvida com coesão e sensibilidade. Esse processo linguístico vai além do clichê da oralidade como ausência de escrita, compreendendo-a como modo de saber e de transmissão simbólica. Com isso, ao afirmar que *Ekomo* se insere organicamente nessa tradição, o texto reforça a ideia de que a literatura africana moderna, mesmo escrita, pode operar como prolongamento da memória ancestral e da ritualização da experiência.

Segundo Amadou Hampâté Bâ (2015):

Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra (Hampâté Bâ, 2015, p. 168).

Com isso, a literatura africana moderna, ainda que escrita, preserva a força da oralidade como fundamento simbólico e epistemológico, operando como extensão da memória ancestral e da ritualização da experiência coletiva. Ademais, o pensamento de Hampâté Bâ é decisivo para compreender o valor da palavra nas sociedades africanas, pois a palavra, sobretudo, transcende o mero instrumento de comunicação e se torna meio de preservação da identidade e da coesão social.

No entanto, é na subseção “A Representação da Dança Sagrada” que o texto atinge seu ápice interpretativo. A abordagem da dança como prática espiritual, pedagógica e comunitária inscreve-se num campo mais amplo dos estudos ritualísticos e antropológicos. A análise do trecho em que se diz “Esta noite dançaremos ao som dos tambores...” é efetiva ao mostrar que a dança, longe de ser mero entretenimento, constitui um ato de transcendência coletiva e de reforço dos laços comunitários. Essa leitura remete ao conceito de “*communitas*”, de Victor Turner (1974), segundo o qual os ritos de passagem operam como momentos de suspensão da ordem hierárquica e de comunhão simbólica entre os membros da comunidade.

Ademais, a descrição da dança como forma de “unir meu sexo ao do avô para me purificar” aponta para uma ritualização do corpo como instrumento simbólico, o que abre uma leitura potente sobre a erotização ritual em culturas iniciáticas. Aqui, o texto destaca ao não tratar tal passagem com exotismo, mas como parte de um sistema simbólico coeso. Outro aspecto da análise é o modo como compreende a dança sendo um meio de comunicação com os ancestrais, interpretando essencialmente que dançar é recordar e honrar aqueles que vieram antes. Essa leitura aproxima-se de uma visão de mundo animista e cíclica, na qual vivos e mortos compartilham um mesmo espaço simbólico e ritual. A dança, nesse sentido, cumpre um papel hermenêutico: é forma de leitura e de tradução do invisível.

Nesse sentido, à tensão entre tradição e ruptura se exemplifica na conduta da protagonista Nnanga, que passa por conflitos com as normas do grupo, o que sugere que a tradição, embora rica, também pode ser fonte de sofrimento e opressão, especialmente para as mulheres. Uma leitura mais crítica da dança poderia considerar o limite entre espiritualidade e imposição social, ampliando o espectro analítico da narrativa como espaço de ambiguidade cultural. Os estudos de Frantz Fanon (2008) dedicam-se em mostrar como o colonialismo desarticulou e reinterpretou práticas tradicionais.

Ekomo fornece uma leitura densamente simbólica e profundamente comprometida com a valorização dos elementos rituais da cultura *fang*. Angüe

se apropria de dispositivos narrativos e simbólicos oriundos da tradição oral africana para articular uma crítica ao patriarcalismo estrutural da sociedade guineo-equatoriana e, ao mesmo tempo, oferecer uma reconstrução sensível das práticas e saberes ancestrais, promovendo uma ética da ancestralidade e da coletividade.

Na subseção intitulada “Purificação, sacrifício e maternidade: o corpo como lugar de rito e violência”, o texto revela que a purificação ritual, descrita em *Ekomo* como banhos em rios sagrados e sacrifícios de animais, articula um elo essencial entre corpo, espiritualidade e pertencimento comunitário. O rio, figura arquetípica e símbolo universal de transição e renascimento, surge como meio de passagem, reconfiguração e acesso ao sagrado. A frase “A purificação do mal, poder e riquezas [...] de nossos pecados” (Angûe, 1985, p. 112) condensa a ambivalência entre a tradição como força vital e como imposição cultural que pode conter aspectos de dominação.

Nesse contexto, a importância da água, do rito e do corpo purificado aponta para a concepção cosmológica *fang*, na qual não há cisão entre o mundo físico e o espiritual. Contudo, o romance também tensiona essa visão ao problematizar o lugar da mulher no interior dessas práticas. A imposição da maternidade como imperativo social, exposta na fala da esposa de Oyono, desvela o caráter opressivo de certos ritos quando impostos como normas rígidas de gênero. Angûe, sobretudo, incorpora uma crítica feminista sutil ao revelar, por meio da narrativa, o sofrimento feminino ocultado sob a aparência da tradição.

A esterilidade, por sua vez, adquire um peso ritual e social devastador: a mulher que não gera filhos é devolvida à sua família, como se perdesse sua função ontológica dentro da comunidade. Esse processo sugere que, na lógica tradicional descrita, o valor da mulher é, em larga medida, condicionado por sua capacidade reprodutiva. A escritora transforma essa lógica em denúncia literária e cultural, operando uma inversão ética, o fracasso reprodutivo é, na verdade, um reflexo da violência simbólica que recai sobre o feminino.

Dentro dessa perspectiva, surge o papel do tam-tam como meio comunicativo e ritualístico de ligação entre os mundos. A musicalidade do

instrumento, como aponta o texto, carrega mensagens cifradas, compreensíveis apenas para os iniciados. Ele anuncia passagens como a morte e, ao fazê-lo, transforma o som em linguagem espiritual. O excerto “Toca o tam-tam fúnebre para anunciar o luto” (Angüe, 2007, p. 85) ilustra como a morte é vivida como reintegração à linhagem ancestral, e não como aniquilamento.

A recusa ao choro (“Que não chorem as crianças, que não chorem as mulheres [...] no sudário!” (Angüe, 2007, p. 38), representa um afastamento da concepção ocidental de morte como ruptura e luto individual, favorecendo a ideia de continuidade e ciclo. Essa visão está em consonância com uma cosmologia que compreende o ser como parte de um fluxo eterno, e onde os mortos permanecem vivos na memória e nos rituais.

A figura do curandeiro apresentada no romance em questão é emblemática com relação à resistência cultural *fang*. Ele atua como mediador entre os mundos, portador de saberes secretos, e catalisador do equilíbrio entre o visível e o invisível. Carrega ervas e uma galinha branca não apenas como objetos materiais, mas como signos de um conhecimento ancestral que resiste à racionalidade moderna. O gesto sacrificial adquire, nesse contexto, uma dupla dimensão: é simultaneamente ato de cura e reencenação simbólica da dor e da esperança.

A citação “Arranca-se à força” (Angüe, 2007, p. 120) sublinha a violência que também pode estar presente nos rituais, não no sentido de crueldade gratuita, mas como enfrentamento dos limites entre vida e morte, corpo e espírito, dor e transcendência. Ao dar voz à complexidade dessas experiências, Angüe promove uma crítica cultural que não recusa a tradição, mas a relê com lente crítica, revelando seus paradoxos e suas potências.

Outro ponto a destacar se refere ao esforço estético, ético e político da autora em reivindicar a visibilidade dos usos e costumes dos povos guineo-equatorianos, em especial dos *fang*. A autora propõe uma revalorização do saber ancestral africano, tanto como matriz simbólica quanto como base epistemológica de um pensamento que articula natureza, espiritualidade, linguagem e história coletiva.

Nesse viés, a análise do papel dos presságios e pressentimentos no romance revela o compromisso da narrativa com a reatualização da cosmovisão *fang*. Os presságios, longe de simples elementos supersticiosos, funcionam como operadores simbólicos de um saber cifrado e codificado que só pode ser lido dentro de uma lógica cultural específica. A imagem do céu como “arquivo cósmico” é particularmente potente: sugere uma metafísica africana do tempo e do destino, em que o céu é simultaneamente espaço de transcendência e memória da terra.

A escolha de abrir o romance com um presságio de morte vinculado, inclusive, à figura histórica de Patrice Lumumba, que foi um líder anticolonial e político quinxassa-congolês e insere o romance dentro de uma geopolítica da ancestralidade e da resistência. O céu, aqui, inscreve a história dos povos africanos como tragédia e sobrevivência, articulando o plano individual e coletivo. O gesto da personagem que identifica uma lápide entre as nuvens (Angüe, 2007, p. 21) atualiza o tema da morte como rito de passagem e reforça o papel dos símbolos naturais como linguagem sagrada.

Essa leitura valoriza o modo como o romance projeta a espiritualidade *fang* como saber autêntico e legítimo, recusando uma epistemologia ocidental que tende a desqualificar os saberes tradicionais como “folclóricos” ou “irracionais”. Trata-se, portanto, de uma recuperação crítica da ontologia africana, na qual o conhecimento se manifesta não apenas pelo *logos*, mas também pela visão, pelo sonho e pelo sinal.

Com relação ao espaço ritual e dos provérbios ancestrais, a análise desse local do povoado como *locus* de formação identitária e espiritual reforça a ideia de que *Ekomo* funciona como um romance de reinscrição simbólica da cultura *fang*. O povoado não é um mero pano de fundo, mas sim um personagem coletivo, uma instituição viva da tradição. O *abaha*, descrito como “casa da palavra”, é o centro nevrálgico da oralidade ancestral, um espaço que remete aos conceitos africanos de pedagogia comunitária e transmissão intergeracional do saber.

A leitura do *abaha* como “*logos* tradicional” é precisa e fecunda: o espaço onde os mais velhos deliberam é também o lugar onde se perpetua o *ethos fang*, estruturado pela experiência, pela memória oral e pela autoridade do vivido. O *abaha* funciona como instância ética, política e espiritual, nele se entrelaçam saber, justiça e rito.

A ceiba sagrada, por sua vez, sintetiza a relação orgânica entre natureza e cosmogonia. Sua centralidade simbólica como “eixo do mundo” remete à ideia de um *axis mundi*, à semelhança de outras culturas arcaicas, mas com especificidade própria: a ceiba é fonte de autoridade espiritual e local de revelações sagradas. A frase “ele tem autoridade porque a trouxe da floresta” (Angüe, 2007, p. 94) reafirma a inseparabilidade entre natureza e poder espiritual, sugerindo que o conhecimento tradicional é, em última instância, eco e extensão do mundo natural.

Os provérbios, finalmente, são apresentados como síntese da cosmopercepção *fang*. A sentença “Ama conforme a direção do vento” (Angüe, 2007, p. 18) revela uma ética da adaptabilidade, da escuta e da harmonia com o mundo. Ao valorizar a palavra proverbial, o romance reinscreve a oralidade como forma legítima de produção de sentido, saber e beleza. Essa forma de sabedoria fragmentária, codificada e poética resiste à linearidade racionalista e carrega, em si, uma filosofia do equilíbrio com o mundo, uma filosofia da ancestralidade e da impermanência.

Ekomo evidencia-se que não é apenas um romance de denúncia das opressões coloniais e patriarcais, mas sobretudo uma narrativa de resgate e celebração do pensamento tradicional africano, tal como ele se manifesta nos usos, costumes, ritos e linguagens simbólicas do povo *fang*. O romance torna visível um universo epistemológico próprio, regido por uma lógica que não separa corpo e espírito, natureza e cultura, morte e vida.

Angüe, ao construir essa estética da ancestralidade, propõe uma literatura que é também um gesto político: restaurar a dignidade dos saberes africanos e reverter a lógica colonial de apagamento cultural. Ao dar visibilidade aos símbolos, espaços e provérbios da tradição *fang*, *Ekomo* se

afirma como um romance de resistência ontológica e epistemológica, uma poética da memória e da continuidade ancestral e, além disso, propõe uma leitura crítica do papel regulador das normas sexuais e dos tabus na tradição *fang*, evidenciando uma estrutura moral profundamente imbricada com a cosmogonia e com as hierarquias sociais e de gênero. A autora não apenas narra as práticas de seu povo, mas tensiona essas práticas ao expor, com forte carga simbólica, as desigualdades e os dispositivos de poder que sustentam os costumes tradicionais.

Com efeito, a descrição do julgamento de um caso de adultério no *abaha* revela a dimensão jurídica e simbólica dos ritos comunitários. O *abaha*, espaço de autoridade e transmissão oral, transforma-se também em tribunal patriarcal. A sentença cinquenta varadas para a mulher adúltera e pena pecuniária acompanhada de mais varadas para o homem explicita a desigualdade de gênero: a mulher é considerada incapaz de discernimento moral, sendo equiparada à criança. Essa perspectiva reforça uma lógica androcêntrica onde a mulher, mesmo quando punida com mais severidade física, é isenta de responsabilidade plena porque é vista como ser inacabado, subalterno, sem plena consciência.

Esse ponto é decisivo: a tradição *fang*, tal como representada no romance, não apenas pune o comportamento desviante, mas estrutura uma antropologia da inferioridade feminina. A frase “a mulher é como uma criança” não é apenas um juízo de valor, mas uma sentença ontológica, ou seja, ela naturaliza a subalternidade feminina, perpetuando a desigualdade como fundamento da ordem social.

Angûe, no entanto, não oferece essa descrição de modo acrítico. Ao encenar o julgamento no romance, a autora revela o caráter ritualizado e simbólico da opressão, permitindo ao leitor uma visão crítica dos mecanismos tradicionais que regulam o corpo e o desejo feminino. Ao mesmo tempo, a própria personagem-protagonista Nnanga desafia essas normas com sua existência inquieta, ambígua e resistente.

Com relação ao sistema de tabus como regulação do sagrado, a análise destaca com precisão como os tabus não são meras proibições sociais, mas sistemas simbólicos que regulam o equilíbrio entre o mundo visível e o invisível. O conceito de tabu está intimamente ligado à espiritualidade *fang*, onde certos atos ou objetos são interditos por estarem carregados de significados sagrados, sendo considerados potencialmente contaminantes ou destrutivos para a ordem social e cósmica.

A frase “Desobedecer a um tabu é atrair a desgraça, não apenas para si, mas para toda a linhagem” revela a dimensão coletiva da transgressão: o tabu não é um código moral individualista, mas uma cláusula de pertencimento à comunidade e à ancestralidade. Ao violá-lo, o sujeito rompe com o pacto que o vincula aos mortos, aos deuses e aos demais vivos.

Nesse sentido, a narrativa de Angüe alinha-se com uma visão profundamente antropológica do rito e da norma. A autora demonstra como o sistema de crenças *fang* articula ética, espiritualidade e política de forma indissociável. As punições não visam apenas corrigir comportamentos, mas restaurar uma ordem espiritual que, se quebrada, pode desencadear desequilíbrios ecológicos, doenças e morte.

Ekomo ultrapassa os limites do romance tradicional para se afirmar como uma narrativa multifacetada: é simultaneamente literatura, documento etnográfico e crítica cultural. Angüe realiza um trabalho de reescrita do imaginário coletivo guineo-equatoriano, mobilizando elementos da tradição *fang* sem os idealizar. Ela revela a densidade simbólica e espiritual dessa cultura, mas também suas tensões, hierarquias e opressões.

Nesse gesto, *Ekomo* se aproxima das propostas de descolonização epistemológica formuladas por intelectuais como Ngũgĩ wa Thiong'o e Oyèrónké Oyěwùmí (1997). Enquanto Ngũgĩ defende o uso das línguas e formas estéticas africanas para resgatar a subjetividade dos povos colonizados, Oyěwùmí chama atenção para o modo como o gênero foi implantado como categoria organizadora das sociedades africanas apenas após o contato com o colonialismo ocidental. Entretanto, esse romance

mostra que a opressão de gênero pode estar enraizada também em estruturas autóctones, e não apenas impostas de fora tornando, assim, uma crítica mais complexa e internamente situada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de Drah Joël Arnauld Keffa sobre *Ekomo*, romance de Maria Nsue Angûe, oferece uma contribuição relevante à crítica pós-colonial hispano-africana ao abordar o impacto da colonização espanhola na Guiné Equatorial e suas consequências sobre a construção de identidade e a valorização da cultura negroafricana. Sendo assim, por meio de uma narrativa enraizada em sua cosmopercepção tradicional, promove uma revalorização simbólica dos elementos culturais autóctones frente à hegemonia eurocêntrica imposta durante o colonialismo.

A análise realizada do romance *Ekomo* sublinha um texto ritual, que conjuga memória, corpo e transcendência em uma tentativa de reinscrever o sujeito africano, sobretudo a mulher, no centro de sua cultura. Maria Nsue Angûe constrói um romance de denúncia e reverência, um híbrido entre crítica e celebração. A autora atua como uma “curandeira da linguagem”, resgatando práticas orais, inscrevendo o corpo negro e feminino como lugar de resistência e reconstrução identitária.

Dessa forma, a narrativa em estudo contribui para o que se pode chamar de literatura pós-colonial de reafricanização simbólica, ao mesmo tempo em que tensiona os limites entre tradição e emancipação, rito e crítica, ancestralidade e escrita de si. O texto não apenas representa a sociedade *fang*, ele a reinscreve em um espaço de disputa política, estética e ética. Assim, *Ekomo* pode ser compreendido como uma narrativa que ultrapassa os limites da escrita individual e se inscreve na esfera da memória coletiva. A voz feminina que narra, marcada pela experiência, pela dor e pela ancestralidade,

convoca a comunidade, as vozes dos mortos e o próprio território africano como instâncias de enunciação. Trata-se de uma escrita que nasce da vivência e da partilha, que fala com o povo, não sobre ele. Nesse sentido, escrever sobre a vida significa reivindicar que a escrita de uma mulher negra é sempre gesto político, testemunho de resistência e continuidade da tradição oral. A palavra escrita reencena a palavra viva, ancestral, tornando-se um espaço de cura e de reconstituição simbólica da história africana e feminina.

A leitura crítica de *Ekomo*, romance substancial, que mergulha nas entranhas da tradição *fang* para expor suas belezas e contradições. Ao tratar do adultério e dos tabus, Angüe não apenas registra uma prática cultural, mas cria uma dramaturgia crítica sobre o poder, o corpo, a lei e a espiritualidade. A tensão entre o respeito à tradição e a denúncia de suas violências é o que confere ao romance sua força política e estética.

Trata-se, em última instância, de uma literatura que dá voz aos silenciados e inscreve os corpos femininos, as regras não ditas e os interditos como territórios de disputa simbólica. Nesse sentido, *Ekomo* é uma narrativa de ruptura e reconexão, uma reconexão crítica com a ancestralidade, onde o passado é revisitado não para ser sacralizado, mas para ser interrogado.

REFERÊNCIAS

- ANGUE, María Nse. *Ekomo*. Madri, Espanha: Casa de África, 2007.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- COELHO, Rogério Mendes. *Pedagogias da cimarronaje: a contribuição das cosmogonias e cosmovisões africanas e afrodescendentes para a crítica literária e literaturas (afro-)latino-americanas*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2019.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GARCÍA, Jesús “Chucho”. Afro-latinos e caribenhos. *Revista Geledés*, 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/jesus-chucho-garcia/Chucho> García. Acesso em: 23 out de 2025.

HAMPÂTÊ BÃ, Amadou. A tradição viva. In: MEDEIROS, Fabio Nunes Medeiros; MORAES, Rauen Taiza Mara. *Contaçon de histórias: tradição, poéticas e interfaces* (org.). São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

HIDALGO, José Antonio López. “La novela en Guinea ecuatorial”, en *África 2000*. Malabo: Centro Cultural Hispano-guineano, 1993, n. 20, p. 42-44.

KEFFA, Droh Joël Arnauld. *María Nsue Angüe y la narrativa poscolonial*. Aporte simbólico de los valores culturales negroafricanos: caso de su novela Ekomo. Universidad Felix Houphouët Boigny, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7368864>. Acesso em: 10 maio 2025.

MBARE NGOM: *La literatura africana de expresión castellana: la creación literaria en Guinea ecuatorial*. Hispania. 1993,76, pp. 410-418.

MBEMBE, Achille. *On the postcolony*. Califórnia: University of California Press, 2001.

MUNANGBA, Kabengele. *Origen del quilombo en África*, 1996, p. 37.

NDONGO-BIDYOGO, Donato. *Hispanidad en África*, 2000, Año III, época II, n. 6, 1986.

NGUGI, Wa Thiong’o. *Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature*, Harare: Zimbabwe Publishing House, 1994.

OYEWUMI, Oyeronke. *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1997.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François *et al.* Campinas/SP: Editora da Unicamp. 2007.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TURNER, Victor. W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Tradução: Nancy Campi de Castro. Petrópolis, RJ: Vozes: 1974.

Ekomo, from María Nsue Angüe: a critical reinterpretation by
Droh Joël Arnauld Keffa

Abstract: This article proposes a critical reinterpretation of the novel *Ekomo* (1985) by María Nsue Angüe, from the perspective of identity reconstruction and the valorization of African epistemologies in the face of colonial legacies. By revisiting the foundational work of Equatorial Guinean literature written by a woman, Droh Joël Arnauld Keffa analyzes how *Ekomo* transcends the limits of fictional narrative to assert an ancestral voice rooted in Fang culture. The approach highlights the role of orality, sacred symbols, proverbs, and ritual spaces as literary devices that restore to the African narrative its character of resistance and cultural agency.

Keywords: African literature. María Nsue Angüe. Fang culture. Tradition and modernity. Post-colonial resistance.

Ekomo, de María Nsue Angüe: una relectura crítica por Droh
Joël Arnauld Keffa

Resumen: Este artículo propone una relectura crítica de la novela *Ekomo* (1985), de María Nsue Angüe, desde la perspectiva de la reconstrucción identitaria y la valorización de las epistemologías africanas frente a las herencias coloniales. Al retomar la obra fundacional de la literatura guineo-ecuatoriana escrita por una mujer, Droh Joël Arnauld Keffa analiza cómo *Ekomo* trasciende los límites del relato ficcional para afirmar una voz ancestral arraigada en la cultura fang. El enfoque destaca el papel de la oralidad, de los símbolos sagrados, de los proverbios y de los espacios rituales como dispositivos literarios que restituye a la narrativa africana su carácter de resistencia y agencia cultural.

Palabras-claves: Literatura africana. María Nsue Angüe. Cultura fang. Tradición y modernidad. Resistencia poscolonial.